

CLÍMAX

um filme de Gaspar Noé

com Sofia Boutella, Romain Guillermic, Souheila Yacoub, Kiddy Smile,
Claude-Emmanuelle Gajan-Maull, Giselle Palmer

Climax | França, Bélgica | 2018 | 1h37 | M/18

Festival de Cannes – Quinzena dos Realizadores



Depois do amor, o *clímax*...

Uma loucura nociva, com contornos de pesadelo, invade a festa que decorre depois de um ensaio, quando os dançarinos descobrem que ingeriram copos de sangria repletos de LSD. Passado em 1996, e inspirado em eventos reais, *Clímax*, do provocador Gaspar Noé, é um retrato hipnótico, frenético e, acima de tudo, arrepiante de uma festa que se torna alucinante no decorrer de uma noite de inverno. Ao captar a jornada desde o júbilo até ao caos e à anarquia completa, Noé observa desentendimentos, rivalidades e violência durante um descalabro psicadélico colectivo. Com Sofia Boutella e um elenco de dançarinos profissionais, *Clímax* é a obra mais ousada e visionária de Noé.

«Sempre me senti fascinado por situações em que o caos e a anarquia subitamente se espalham, seja em lutas de rua, sessões xamãs com psicotrópicos ou festas nas quais os participantes perdem controlo colectivamente, sob a influência de grandes quantidades de álcool. O mesmo se aplica às minhas filmagens. Os meus maiores prazeres passam por não escrever nem planear nada com antecedência e, tanto quanto possível, permitir que as situações se desenrolem diante de mim, como num documentário. Quando o caos se gera, fico ainda mais satisfeito, sabendo que vai formar imagens de poder reais, mais próximas da realidade do que da ficção. Por este motivo, em vez de um guião verdadeiro, escolhi como base contar simplesmente esta história tenebrosa e assustadora.»
Gaspar Noé

«Com a sua quinta longa, Noé parece ter completado a sua transição de *enfant terrible* do cinema francês para um *auteur* maduro em pleno controlo da sua matéria. *Clímax* confirma-o como um dos poucos realizadores contemporâneos – ao lado de nomes como Michael Haneke, Agnès Varda, talvez até dos irmãos Dardenne – cujo trabalho mostra de facto uma visão consistente. (...)

O filme não acontece sem antecedentes ou influências. Uma sequência logo no início – prólogo da ação do filme – começa com um ecrã de televisão muito hanekiano fixo entre cassetes VHS que incluem os filmes *Salò*, *Suspiria*, *Possession* e *Querelle*, e também livros de Fritz Lang, Luis Buñuel e Nietzsche. Há uma sequência de intertítulos godardianos que oferecem truísmos sem sentido. E em todo o lado se sente a tensão do artaudiano Teatro da Crueldade. (...) Um crítico descreveu *Clímax* como “*Fame* realizado por Marquis de Sade”. A propósito, o filme que *Clímax* me lembrou de um modo mais intenso foi *Marat / Sade* (1967) de Peter Brook.

Brook, todavia, juntamente com colegas artistas como Jean Genet, usou a brutalidade como forma de retratar a luta de classes e o sofrimento humano no meio das estruturas sociais em mudança. As inclinações políticas de Noé não são claras, embora pareça que alguns alegorismos políticos estão em marcha. França é descrito, de entre várias maneiras, como “inferno na terra” e “o berço da cultura ocidental”.

Os créditos de produção apresentam “Um filme francês e Com muito orgulho”, enquanto uma bandeira enorme, brilhante e tricolor serve como pano de fundo de grande parte da acção. Sofia Boutella (a única atriz profissional do filme, aqui a desempenhar a coreógrafa Selva) declara que o ensaio foi um sucesso com um grito de “Deus está connosco!” E certamente não é coincidência que o primeiro acto de violência do grupo tenha como alvo o dançarino muçulmano Omar, que é apontado como suspeito precisamente porque as regras da sua fé o impediram de ingerir a bebida “minada”.

Os próprios dançarinos formam uma mescla racial e sexual heterogénea. O controverso ícone gay Kiddy Smile interpreta o DJ ‘Daddy’ como uma espécie de figura de tio benevolente. A própria coreografia – uma impressionante e contorcionista versão de *voguing* – é desenvolvida fora da cena multiracial e polisssexual dos *ballrooms* em França. A coreografia de Nina McNeely glorifica-se nos corpos atléticos dos dançarinos, são corpos negros, castanhos, brancos e amarelos, vestidos em PVC, tule, lantejoulas e tecidos lurex. Mas, ao mesmo tempo, o filme apresenta-os como criaturas horripilantes e sexualmente agressivas, antes mesmo das drogas fazerem efeito. O que significa uma personagem desenhar com batom uma suástica na testa de outra personagem? Claro que o filme não dá respostas. (...) Ainda assim, Noé mantém-se um eterno provocador, cujos erros transformam o sucesso de outros realizadores em vergonha. Nem toda a gente vai gostar do que ele faz aqui, mas não há qualquer dúvida de que ele o faz muito bem.»

Catherine Wheatley, *Sight&Sound*



“Visualmente extraordinário, estrutural e formalmente audaz.”
Variety

“Um cocktail explosivo de sexo, violência e drogas, filmado por uma câmara em êxtase”
Emily Barnett, *Les Inrocks*

“Louco e intoxicante. Uma obra de terror de excelência que transcende a sua puerilidade para alcançar algo sublime.”
Giovanni Marchini Camia, *The Film Stage*

“Esta história de uma festa de dança que correu mal é, provavelmente, o melhor filme de Noé, além de ser o melhor retrato de um realizador talentoso e dedicado a lixar-nos a cabeça.”
Eric Kohn, *Indiewire*